

# COLOCANDO A ÁFRICA NO MAPA<sup>1</sup>

Jessie Maritz<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo analisa a representação da África nas formas linear e visual, em mapas, e como uma personificação. Ele dá um resumo geral das mudanças nas formas dos mapas de Roma Antiga até o Renascimento com o novo conhecimento da geografia mundial e a descoberta da imprensa; e da personificação da África usando um cocar (ou adorno) de escalpo de elefante para o mesmo período. Depois, analisa momentos do século XVI ao século XIX nos quais personificações e mapas são usados em conjunto e se a personificação mudou com o aumento do conhecimento geográfico do continente.

O papiro existente mais antigo, chamado de Papiro de Turim, mostra um desenho de uma mina de ouro egípcia de, mais ou menos, 1320 a.C<sup>3</sup>, portanto, talvez possamos afirmar que a África está no mapa há mais de 3000 anos. Homero já fazia referência à Líbia (o equivalente grego para África) e aos etíopes Orientais e Ocidentais (Od. 1.22-24), logo, de certo modo, a África já “estava no mapa” pelo primeiro autor Ocidental. Alguém poderia acompa-

---

<sup>1</sup> Originalmente, este trabalho foi escrito para a conferência da Associação Clássica da África do Sul em 2003, antes de eu ler *The Shaping of Africa: Cosmographic Discourse and Cartographic Science in Late Medieval and Early Modern Europe* de Francesco Relaño (Aldershot, 2002). Para um estudo detalhado dos aspectos cartográficos ao invés de um interesse puramente na iconografia clássica da África, o leitor pode ler este artigo e trabalhos como: C. Moreland & D. Bannister, *Antique Maps. A Collector's Handbook* (Londres/Nova Iorque 1983); S. Berthon & A. Robinson, *The Shape of the World* (Londres 1991); T. Campbell, *The Earliest Printed Maps 1472-1500* (A Biblioteca Britânica, Londres 1989); E. Dekker & P. van der Krogt, *Globes from the Western World* (Londres 1993); R. Lister, *Antique Maps and their Cartographers* (Londres 1970), embora ele tenha muito pouco sobre a África; P. Whitfield, *The Image of the World. 20 Centuries of World Maps* (A Biblioteca Britânica, Londres 1994); P.D.A. Harvey, *Medieval Maps* (Toronto 1991). 1 R.V. Tooley, *Maps and Mapmakers* (Londres 1949), ilustração 5; O.A.W. Dilke, *Greek and Roman Maps* (Londres 1985) 15 fig. 1. Para uma discussão sobre a possibilidade de mapas indígenas, veja J.C. Stone, *A Short History of the Cartography of Africa* (Lampeter 1995). Este artigo foi publicado originalmente na revista ACTA CLASSICA XLVII (2004) 87-100. Foi traduzido com anuência do autor e do editor da revista. Tradução de Mônica Borges Lopes – monica.b.lopes@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Livre-Docente – Universidade do Zimbábue, Harare, Zimbábue.

<sup>3</sup> R.V. Tooley, *Maps and Mapmakers* (Londres 1949), ilustração 5; O.A.W. Dilke, *Greek and Roman Maps* (Londres 1985) 15 fig. 1. Para uma discussão sobre a possibilidade de mapas indígenas, veja J.C. Stone, *A Short History of the Cartography of Africa* (Lampeter 1995).

nhar as descrições literárias encontradas e argumentar que a África permaneceu “no mapa” para os autores clássicos. No entanto, este trabalho está preocupado com algo diferente: Como a África era retratada graficamente tanto linear quanto visualmente? Essas representações ocorreram juntas? As representações visuais refletiam algum conhecimento geográfico?

Anaximandro de Mileto (611-543 a.C.) é tido como a pessoa que fez o primeiro mapa grego do mundo conhecido (Estrabão 1.1.11)<sup>4</sup>, provavelmente incluindo a África, pelo menos o Egito, já que ele poderia ter ouvido falar do Egito do seu professor Tales, que havia estado lá. Hecateu (c. 501 a.C.) é tido como a pessoa que compilou a primeira geografia. De acordo com Plutarco (Alcibiades 17.4), um pouco antes da invasão da Sicília em 415 a.C., muitos atenienses eram capazes de desenhar o formato da ilha, assim como a posição da Líbia e de Cartago na areia, portanto, o conceito “mapa” era comum, embora a palavra tenha surgido mais tarde<sup>5</sup>. Na época em que Eratóstenes (275-194 a.C.) chegou à sua incrivelmente precisa estimativa da circunferência da Terra, muitas pessoas, provavelmente, conseguiam desenhar mapas tais como aqueles atribuídos a ele e Hecateu em publicações modernas, nas quais a Líbia é, mais ou menos, um triângulo retângulo, com a hipotenusa indo de Gibraltar à Arábia<sup>6</sup>.

É claro que os mapas originais não sobreviveram. Os chamados mapas de Hecateu são desenhos feitos muitos séculos mais tarde e seguindo os textos de inúmeros autores clássicos, conforme os quais o mundo era dividido em três continentes: Europa, África e Ásia. A Europa e a Ásia eram separadas pelo Rio Don, a Europa e a África pelo Estreito de Gibraltar e a África e a Ásia pelo Rio Nilo. Havia algumas diferenças de opinião em relação a qual continente era maior, onde eles se encontravam, se a África era circum-navegável, mas a geografia antiga<sup>7</sup> e o quanto o continente africano era de fato conhecido pelos

---

<sup>4</sup> Veja Dilke (observação 1) 23 para uma discussão dos mapas na antiguidade e bibliografia.

<sup>5</sup> O tipo em um tetradracma no padrão de Rodes, atribuído a Mêmnon, general na folha de pagamento de Dario III (338-333 a.C.), foi interpretado como um mapa da Jônia (Museu Numismático de Atenas BE 787ß/2000).

<sup>6</sup> Para as zonas do mundo e latitudes atribuídas à Líbia por Eratóstenes, veja J.O. Thomson, *History of Ancient Geography* (Cambridge 1948) 162-66; veja também Dilke (observação 1) 33.

<sup>7</sup> Veja E.H. Bunbury, *History of Ancient Geography*, 2 vols. (Londres 1883, reeditado Amsterdam/Uithoorn 1979); M. Cary & E.H. Warmington, *The Ancient Explorers* (Londres 1929); Dilke (observação 1); A. Lesky, ‘Aithiopika’, *Hermes* 57.1 (1959) 27-38; A. Riese, *Geographi Latini Minores* (Hildesheim 1964, chamado de GLM); Thomson (observação 4); A.V. van Stekelenberg, ‘The southern limits of Africa in ancient geography’, *Akroterion* 41.1-2 (1996) 58-73; N.J.W. Thrower, *Maps and Civilization. Cartography in Culture and Society* (Chicago 1996) 13-26.

gregos e romanos<sup>8</sup> não pode ser discutido neste trabalho. Nem, infelizmente, pode o termo “África”, que nem sempre significou a mesma entidade geográfica, e, na verdade, levanta questões associadas que ainda são debatidas. “África”, “Líbia”, “Egito”, “Etiópia” (e outros) não eram termos usados exatamente da mesma forma por todos os autores antigos nem se referiam exatamente às áreas agora conhecidas por esses nomes. A explicação de Plínio, de que “África” é o equivalente ao termo grego “Líbia” (HN 5.1.1), é uma grande simplificação<sup>9</sup>, mas uma que é basicamente verdadeira, ao considerarmos as antigas definições do continente. Este trabalho utiliza o termo “África” como o geralmente aceito para o continente atualmente.

---

<sup>8</sup> A circum-navegação relatada da África, de Leste a Oeste, pelos fenícios em c. 600 a.C. sob Neco, rei do Egito, poderia ter fornecido evidências para todo o continente, como conhecido hoje, mas o próprio Heródoto não acreditava muito nessa estória (4.42) e isso tem sido o tema de muitas discussões desde então. Veja Estrabão 2.3.4; Cary & Warmington (observação 5) 87-95; Thomson (observação 4) 71-72; Dilke (observação 1) 2. Heródoto (2.109) também menciona Sataspes, que, sob Xerxes (485-465 a.C.), tentou navegar de oeste a leste, mas não obteve sucesso. Ele pode ter chegado a Cabo Espartel, Senegal, Serra Leoa ou Guiné; veja Cary & Warmington (observação 5) 96; Dilke (observação 1) 133; Thomson (observação 4) 73 e bibliografia. De acordo com Plínio (HN 52.169) e Mela (3.90), Hanão, um cartaginês, velejou bem ao redor do continente; acadêmicos modernos, tais como Dilke, Cary e Thomson argumentam que isso era apenas até Serra Leoa ou Camarões antes de 480 a.C. Plínio também relata que um certo Caelius Antipater velejou da Espanha à Etiópia devido ao comércio, mas não chama isso de circum-navegação. Estrabão (2.3.4) menciona uma tentativa de circum-navegação por Eudoxo (c. 146-117) depois que a proa de madeira de um navio destruído, identificada como tendo vindo de Cádiz no oeste, foi encontrada na costa leste. Plínio (HN 2.67), Mela (3.9.90) e, aparentemente, Nepos (citado por Mela) acreditavam que ele havia velejado bem ao redor. Para uma discussão, veja Thomson (observação 4) 98-105, 185-86; Dilke (observação 1) 61. Para uma circum-navegação por Magus mencionada por Heráclides, considerada “obviamente uma ficção” por Cary & Warmington (observação 5) 95, veja Estrabão (2.2.3), e para o plano de Alexandre de circum-navegar, veja Arr. Anab. 55.26, Plut. Alex. 3.68. Para a opinião de que a África era ligada à Índia, veja Aesch. Suppl. 538-64; que era conectada à Atlantis no oeste veja Platão, Tim. 56.3.25; para a costa da Etiópia ser ligada aos Pilares de Hércules, veja Hdt. 1.203; 2.28; Arist. Met. 2.55. Eutímenes, um explorador pouco conhecido, possivelmente, do século VI a.C., relatou ter visto crocodilos em um rio tido como o Nilo, mas ele pode ter chegado ao Senegal ou à Gâmbia; veja Cary & Warmington (observação 5) 46; Dilke (observação 1) 131. Para o *Periplus* de Ps.-Scylax, provavelmente entre 361 e 357, incluindo uma seção da costa norte africana, veja Dilke (observação 1) 133-34. Para o *Periplus* do Mar Eritreu e outras referências à exploração da costa leste, veja Dilke (observação 1) 139; Cary & Warmington (observação 5) 69, 79-80, 165-78. Para o relato da viagem de Fílon à Etiópia, veja Estrabão (2.1.20); para as explorações sob o Reino Ptolemaico, veja Plínio (HN 6.183, 194) e Diodoro 1.37; 3.36; para as expedições romanas sob Petrônio e Nero, veja Cary & Warmington (observação 5) 173-76.

<sup>9</sup> Veja também GLM 1-2, 15, 51. Às vezes, tradutores modernos também usam os termos “Líbia” e “África” como sinônimos; veja W.B. Paton na tradução Loeb de Políbio.

Até século II a.C., os generais romanos celebravam suas vitórias encomendando pinturas, não apenas aquelas carregadas nas procissões triunfais, mas também grandes obras de arte em cima ou nos edifícios públicos. Naquela época, um lugar poderia ser representado de maneiras diferentes, como uma paisagem, por produtos agrícolas, um animal, ou um vestido étnico associado a ele, ou como uma personificação.

A questão que surge é se ele também poderia ser retratado por sua forma, em outras palavras, por um mapa do local. O painel no Templo de Mater Matuta<sup>10</sup>, que celebrava a vitória de Tibério Semprônio Graco contra a Sardenha em 174 a.C., foi descrito como sendo do “formato da ilha e com representações das batalhas.” Isso era um mapa? De acordo com Varro (RR 1.2), até 37 a.C. as pessoas no Templo de Telo viam a Itália pintada lá (“*Italiam pictam*”). Dilke interpreta isso como um mapa<sup>11</sup>, mas podemos argumentar que era uma paisagem ou personificação. Entretanto, deve ter sido uma grande obra de arte. Segundo Plínio (HN 35.11), *Antiguidades* de Varão eram ilustradas com retratos; imaginamos se também havia mapas.

Certamente, mapas estavam sendo exibidos publicamente na época de Júlio César, que encomendou um que dizem ter levado 32 anos para ficar pronto<sup>12</sup>. A África deve ter aparecido nele, que era dividido em quatro, provavelmente, a África aparecia no sul. Também, mais ou menos na mesma época, as primeiras personificações da África apareceram. A mais antiga personificação romana é tida como a cabeça usando um escalpo de elefante em uma moeda de Pompeu<sup>13</sup>. Porque tem o jarro e a trombeta de um áugure como seus atributos, eu acredito que isso se refere ao próprio Pompeu e não à África. No entanto, há inúmeras moedas durante o final da República, como aquelas de Metelo e Eppius em 47-46 a.C.<sup>14</sup> e Cornifício em 42 a.C.<sup>15</sup>, no qual essa cabeça aparece com atributos: um arado ou uma espiga de milho, indicando a personificação de um local e fornecendo evidências de que ela aparecera mais ou menos na mesma época do mapa de César. Agripa também foi responsável por um mapa (Plin. HN 3.17). Ele encomendou o mapa, mas depois de sua morte Augusto mandou fazê-lo e colocá-lo em um pórtico construído especialmente para isso,

---

<sup>10</sup> R. Ling, *Roman Painting* (Cambridge 1991) 11.

<sup>11</sup> Dilke (observação 1) 39.

<sup>12</sup> Dilke (observação 1) 40

<sup>13</sup> M.H. Crawford, *Roman Republican Coinage* (Cambridge 1974, daqui em diante RRC) no. 402. Para uma discussão da personificação veja “África”; F. Salcedo, *Africa, Iconografia de una provincia romana* (Roma/Madrid 1996); J.A. Maritz, ‘The image of Africa: the evidence of the coinage’, *AClass* 44 (2001) 105-25.

<sup>14</sup> RRC no. 461.

<sup>15</sup> RRC no. 509/3.

o Pórtico de Vipsânia, talvez também conhecido como Porticus Europae, depois que a Europa foi pintada sobre ele<sup>16</sup>. Essa foi uma grande obra de arte<sup>17</sup>.

Embora fragmentos do projeto de mármore de Roma tenham sobrevivido, não temos muito conhecimento de quais mapas de fato estavam disponíveis para os romanos. Sabemos que a personificação mostrando uma cabeça usando um escalpo de elefante se tornou muito popular e, depois de algum tempo, foi usada em moedas, joias, pinturas, esculturas, lamparinas e mosaicos<sup>18</sup>. A partir de agora, esse tipo será chamado de África embora ele não seja identificado assim nas legendas até a época de Adriano.

Uma joia mostra uma figura masculina com seu pé em cima de tal cabeça. Isso foi identificado como Augusto subjugando a África<sup>19</sup>. Outro exemplo antigo está em uma taça de Boscoreale<sup>20</sup>. Ela mostra um soldado de uniforme trazendo um grupo de prisioneiros para o imperador – um deles usa um adorno de cabeça feito de escalpo de elefante. A cena é comumente descrita como Agripa trazendo nações derrotadas para Augusto, o que significaria que o homem responsável pela criação de um mapa também era mostrado com a personificação de um lugar. É tentador especular que o mapa de Agripa também havia personificado países retratados nele como decorações, mas isso é impossível de determinar.

Plínio (HN 12.19) menciona um mapa da África (“*forma Aethiopiae*”) feito durante o reinado de Nero. Sua referência à localização das árvores faz você se perguntar como essa informação foi transmitida (ou expressa). O mapa era ilustrado? Será que ele também foi decorado com personificações? A primeira vez que a cabeça com um escalpo de elefante foi rotulada foi em uma moeda de Nero; a legenda diz “Alexandria”, não “África”<sup>21</sup>. Quando uma figura

---

<sup>16</sup> Martial 2.14.3, 5,15; 3.20.12; 11.1.11; Dilke (observação 1) 42.

<sup>17</sup> C. Nicolet, *Space, Geography, and Politics in the Early Roman Empire* (Ann Arbor 1990), tradução de *L'Inventaire du Monde* (Paris 1988), discutiu como a expansão geográfica do conhecimento e os novos mapas na época de Augusto estão ligados ao controle político e administrativo. Ele não discute iconografia, que é ligado de forma semelhante. Meu agradecimento a um perito por me indicar esse trabalho.

<sup>18</sup> Para uma discussão da iconografia, veja Salcedo (observação 11); J.A. Maritz, *The Iconography of the Elephant-scalp Headdress* (ainda não publicado D. Phil., Universidade do Zimbábue 2000).

<sup>19</sup> AGD Wien II, 127 no. 1089, pl. 83.

<sup>20</sup> A. Héron de Villefosse, ‘Le trésor de Boscoreale’ = Mon Piot 5 (1899) 134ff., pl. XXXII; A.L. Kuttner, *Dynasty and Empire in the Age of Augustus. The Case of the Boscoreale Cups* (Berkeley 1995); S. Reinach, *Répertoire des reliefs grecs et romains*, vol. 1 (Paris 1909) 92-93; D.E. Strong, *Greek and Roman Gold and Silver Plate* (Londres 1966) 136; J.M.C. Toynbee, *The Hadrianic School of Greek Art* (Cambridge 1934) 36, pl. XXII 4.

<sup>21</sup> Para uma discussão do uso deste tipo em Alexandria, veja J.A. Maritz, ‘The face of Alexandria – the face of Africa?’ in A. Hirst & M. Silk (eds), *Alexandria Real and Imagined* (Aldershot 2004) 41-66.

completa usando um escalpo de elefante aparece nas moedas de Adriano (veja abaixo), ela é identificada na legenda como “África”, “Alexandria” ou “Mauritânia”, lugares diferentes, mas no mesmo continente. Afrescos de Pompeia que datam aproximadamente da época de Nero, mostram uma mulher usando este adorno de cabeça, que é normalmente identificado como a África. Uma pintura aparentemente mostra a África com a Sicília<sup>22</sup>. Outra, mais famosa, mostra três figuras femininas que foram identificadas como os três continentes<sup>23</sup>. Um pote de vidro mostra a África com a Hispânia<sup>24</sup>. O que é relevante para este trabalho é que a produção de mapas e a personificação de lugares estavam acontecendo simultaneamente. As personificações de lugares mais famosas são provavelmente aquelas na Província, Restitutor e Adventus de cunhagem de Adriano, identificadas por legenda. Os atributos de Adriano usados com a África são uma cornucópia e um moio (que, como a espiga de milho e o arado, se refere à fertilidade), um leão e um escorpião<sup>25</sup>.

Somente os atributos não eram necessariamente suficientes para identificar um lugar, como fica evidente das esculturas em Afrodísias, onde a identidade das obras sem inscrições é duvidosa<sup>26</sup>.

---

<sup>22</sup> W. Helbig, *Wandgemalde der vom Vesuv verschetteten Städte Campaniens* (Leipzig 1868) no. 1115; V. Spinazzola, *Pompei alla luce degli scavi nuovi di Via dell'Abbondanza 1910-1923* (Roma 1953) 156, fig. 193; LIMC I, 254 'Africa' 52.

<sup>23</sup> Veja F. Snowden, 'Iconographical evidence on the Black populations in Greco-Roman antiquity', in L. Bugner (ed.), *The Image of the Black in Western Art*, vol. 1 (Cambridge, Mass. 1976) 216-17, que identifica o escuro como a África e o que está usando o adorno de cabeça como a Ásia, que nunca é mostrado assim em outros lugares e, portanto, torna a identificação questionável. Uma interpretação diferente é identificar a figura usando o adorno como a África e as outras como Dido e seu grupo. Veja A. de Franciscis et al. (eds), *La pittura di Pompei* (Milão 1991, 1999) 241, fig. 50.

<sup>24</sup> *AGD Würzburg* 176, no. 427, pl. 76.

<sup>25</sup> Para a série *Province*, veja H.A. Mattingly & E.A. Sydenham, *Roman Imperial Coinage*, vol. 2 (Londres 1968, repr. = RIC) 374 no. 298; H. A. Mattingly, *Catalogue of the Roman Coins in the British Museum* (Coins of the Empire) vol. 3 (Londres 1933 = BMC Imp.) 343 no. 810, pl. 62 19; Toynbee (observação 18) 34, pl. II, 4; pl. I, 23-24; II, 1-3; BMC Imp. 3.506-07 nos. 1707-14, pl. 94 5, 94 8; RIC 2.374 no. 299; 446 nos. 840-942; BMC Imp. 3.343 no. 811, pl. 62 20; Para o 'Restitutor', veja RIC 2.376 nos. 322-23; 463 nos. 940-42; BMC Imp. 3.518 no. 1787, pl. 96 2; Toynbee (observação 18) pl. II, 10-14; BMC Imp. 3.343, também nos. 812-22, pl. 63 nos. 1-4. Para a série *Adventus*, veja RIC 2.376 nos. 315-16, pl. XIII, 263; 451 nos. 872-75; BMC Imp 3.339 no. 786, pl. 62 11; Toynbee (observação 18) pl. II; BMC Imp. 3.495 no. 1667, pl. 92 7; 3.495 no. 1669, pl. 91 16; Toynbee (observação 18) 124, pl. V, 18; RIC 2.455 no. 899.

<sup>26</sup> R.R.R. Smith, 'Myth and allegory in the Sebasteion', em C. Roueché & K.T. Erim (eds), *Aphrodisias Papers. Journal of Roman Archaeology, Supplementary Series I* (Ann Arbor 1990) 89-100.

Novamente, mais ou menos na mesma época em que as personificações estavam sendo muito utilizadas em diversos meios para representar os países, trabalhos importantes com mapas também estavam em progresso. A *Geographia* (*Cosmographia*) de Ptolomeu, que apareceu em c. 150 d.C., dominou o mundo cristão e muçulmano por 1500 anos<sup>27</sup>. Embora gravuras dos próprios mapas de Ptolomeu não tenham sobrevivido, o texto no qual elas foram baseadas, sim. Até o século VIII, ele havia sido traduzido para árabe<sup>28</sup> e influenciado mapas muçulmanos. Até o século XII, os mapas que estavam sendo produzidos combinavam as teorias de Ptolomeu, Estrabão e Eratóstenes com o conhecimento árabe<sup>29</sup>. A *Geographia* de Ptolomeu também poderia ter sido a base do mapa de rotas romano, provavelmente do século VI, mas ele sobreviveu na forma de uma cópia do século XII ou XIII, conhecida como a *Tabula Peutingeriana*. Desde então, isso parece incluir detalhes de lugares destruídos pela erupção do Vesúvio em 79 d.C., a *Tabula Peutingeriana*, no entanto, também já foi considerada uma descendente do mapa de Agripa.

Dizem<sup>30</sup> que os mapas medievais podem ser mais ou menos divididos em simbólico e teórico e o prático. Os mapas chamados OT ficariam no primeiro grupo<sup>31</sup>. Eles seguem o antigo conceito grego ao colocarem um T dentro de um O para formar três continentes ou três divisões referindo-se aos três filhos de Noé. Um dos mais famosos é o Mapa-múndi Hereford de 1275-1317 d.C.<sup>32</sup>, que tem o Leste na parte superior e representações do Paraíso, do Juízo Final e de histórias bíblicas. Ele mostra a África indo até os Pilares de Hércules, ou seja, o Estreito de Gibraltar, mas isso é difícil de identificar.

Os mapas práticos da Idade Média eram chamados de portolano, feitos por marinheiros para marinheiros. Eles só se preocupavam com o contorno da região costeira. Um exemplo famoso é o Portolano Catalão de Angelino Duckert em 1339 d.C., diz-se que ele inclui a junção do Nilo Branco e do Nilo Azul. O chamado Portolano Laurenziano de 1351 d.C. mostra o Golfo da Guiné<sup>33</sup>.

Dois fatores revolucionaram os mapas. Um fator foram as viagens de descobrimento. A primeira edição ilustrada da *Cosmographia Bologna* de Ptolomeu, publicada em 1477, ainda mostrava a “antiga” visão da África, mais larga

---

<sup>27</sup> Tooley (observação 1) 5.

<sup>28</sup> Tooley (observação 1) 9.

<sup>29</sup> Veja, por exemplo, Tooley (observação 1) 10; Thrower (observação 5) 48-50.

<sup>30</sup> Tooley (observação 1) 12.

<sup>31</sup> Para um OT impresso e mapas zonais veja Relaño (observação \*) pl. 1-5.

<sup>32</sup> Tooley (observação 1) pl. 9; Relaño (observação \*) pl. 8.

<sup>33</sup> Tooley (observação 1) 15; Relaño (observação \*) pl. 7.

(ou seja, do leste para o oeste) do que era longa (do norte para o sul), um de três continentes. Isso logo mudou. Dias contornando o Cabo em 1488, Colombo descobrindo a América em 1492 e Vasco da Gama chegando à Índia em 1496 revolucionaram o conhecimento europeu do mundo e, conseqüentemente, a maneira na qual ele tinha que ser retratado. Até 1489, o mapa da África de Henrique Martelo já era alongado para mostrar os pontos mais ao sul, embora o formato, especialmente na costa leste, ainda parece estranho para olhos modernos<sup>34</sup>.

Levou algum tempo para que os detalhes recém-descobertos fossem publicados, mas o outro fator que revolucionou os mapas, já mencionado pelo nome da publicação *Cosmographia*, foi a invenção da imprensa. As conseqüências são óbvias: um novo mapa não era exposto em uma estrutura arquitetônica, como o mapa de Agripa havia sido, mas impresso como uma única folha ou como parte de uma coleção encadernada. Inúmeras cópias de cada folha se tornaram disponíveis em uma fração do tempo necessário anteriormente. Novas edições e traduções se seguiram rapidamente.

Ptolomeu foi publicado com ilustrações. Em 1504, o mapa de Montalbodo Francan mostrou o continente africano inteiro<sup>35</sup>, e, até 1535, havia uma cópia ilustrada de Ptolomeu que havia adicionado a metade mais ao sul do continente ao antigo mapa de Ptolomeu. Pelo menos 52 edições de Ptolomeu apareceram na Europa depois de 1475<sup>36</sup>. Xilogravuras e placas de cobre faziam ilustrações tão claras quanto textos. Novos conhecimentos demandavam novos mapas. A produção de mapas tornou-se um negócio muito próspero na Europa e, até o final do século XV, os mapas chineses também já incluíam o sul da África<sup>37</sup>. Badford menciona 81 importantes produtores de mapas, de Munster (nascido em 1489) a Tallis (1850)<sup>38</sup>. Tooley lista 187 mapas impressos do continente africano inteiro por 47 cartógrafos de 1500 a 1600 d.C. Além disso, ele lista 37 mapas da África Ocidental, 24 da África do Sul e 94 da África Oriental durante o mesmo período<sup>39</sup>. Duas bibliografias feitas na

---

<sup>34</sup> O.I. Norwich, *Norwich's Maps of Africa*. Descrições bibliográficas por Pam Kolbe, revisadas e editadas por J.C. Stone (Norwich 1997) xiv, fig. II. A primeira edição, conhecida como *Maps of Africa*, apareceu em 1985; veja p. 21, fig. 7. A nova edição dá um bom resumo da história dos mapas da África (xiii-xxxi). Os números dos mapas são os mesmos nas várias edições. Veja também Relação (observação \*) pl. 17.

<sup>35</sup> Norwich (observação 32) 26, fig. 14.

<sup>36</sup> Tooley (observação 1) 6-8.

<sup>37</sup> Veja Norwich (observação 32) 15.

<sup>38</sup> P.J. Badford, *Antique Maps* (Londres 1971).

<sup>39</sup> R.V. Tooley, *Printed Maps of the Continent of Africa and Regional Maps South of the Tropic of Cancer*, Part I: 1500-1600. Map Collector's Circle no. 29; Part II: Map Collector's Circle no. 30 (Londres 1966).



Universidade de Cape Town analisam outros livros impressos além de atlas, que contém mapas da África como uma entidade e não como parte de um mapa-múndi. A primeira relaciona 91 livros publicados entre 1550 e 1750 e a segunda lista 122 livros que apareceram entre 1750 e 1856<sup>40</sup>.

Os novos mapas ainda permaneceram no campo das artes e, como em Roma Antiga, formavam grandes obras de arte “combinadas a significados ideológicos, ressaltando a vontade de conhecer, conquistar, explorar ou converter<sup>41</sup>.” Eles ainda podem usar a forma romana de fazer isso. Em c. 1574, o mapa do mundo como naquela época era conhecido foi feito em afresco por Di Vecchi, virtualmente, cobrindo uma parede inteira na *Sala de Mappa Mundi* na *Villa Farnese* em Caprarola<sup>42</sup>. Personificações de três continentes eram conhecidas desde Roma Antiga. Di Vecchi adicionou uma personificação da recém-descoberta América e colocou um continente em cada canto. A “África” ainda usa um adorno de cabeça feito de escapo de elefante, como ela fez em Roma Antiga; em suas cores, características e vestes, ela é, sem dúvida alguma, europeia. A imagem da “África” não foi influenciada pelo novo conhecimento geográfico. Mapas como obras de arte se encaixavam com a tendência geral e com a moda do período no qual eram produzidos<sup>43</sup>. Embora seja impossível saber se os mapas romanos eram ilustrados com personificações, fica claro que personificações de lugares eram populares em vários meios artísticos ao

---

<sup>40</sup> Margaret F. Cartwright, *Maps of Africa and Southern Africa in Printed Books 1550-1750. A Bibliography* (Bibliotecas da Universidade de Cape Town, Cape Town 1976); Janet F. Cartwright, *Maps of Southern Africa in Printed Books 1750-1856. A Bibliography* (U.C.T. Bibliotecas, Cape Town 1976). Para mais trabalhos sobre mapas da África, veja as publicações do Círculo de Colecionadores de Mapas, mais especificamente R.V. Tooley, *Maps of Africa from the Sixteenth to the Nineteenth Centuries* (Londres 1968), *Printed Maps of Southern Africa and its Parts* (Londres 1970) e *A Sequence of Maps of Africa* (Londres 1972); S. Hopper, *Small and Miniature Maps of Africa* (Londres 1975).

<sup>41</sup> Nicolet (observação 15) 6. Nicolet menciona sete grandes obras de arte tais como essa do século XIV ao XVI, três das quais (aquelas no palácio ducal de Veneza, no Palazzo Pubblico em Siena e o Mapa do Mundo no Palácio San Marco em Roma feito por Paulo II) desapareceram. Aqueles que sobreviveram são os mapas que estão decorando os painéis nos cofres construídos no *Guardaroba do Palazzo Vecchio* em Florença, as pinturas geográficas da Galeria Terza Loggia no Vaticano patrocinadas por Pio IV (1559-1561), o *Mappemonde no Palazzo Farnese em Caprarola* e a Galeria de Mapas no Belvedere de 1580-1581. Nicolet atribui as pinturas em Caprarola e aquelas da *Terza Loggia* no Vaticano a Antonio Vanosino de Varese. Eu li Nicolet depois de escrever este artigo e mantenho a seção sobre o *Mappa Mundi* em Caprarola como originalmente escrita, atribuindo-o a Di Vecchi.

<sup>42</sup> I. Faldi, *Gli affreschi del Palazzo Farnese di Caprarola* (Milão 1962) pl. XXII; foto Gab. Fot. Naz. E53244.

<sup>43</sup> Veja A.G. Hodgkins, *Discovering Antique Maps* (Aylesbury 1977).

mesmo tempo em que um grande trabalho de produção de mapas romanos estava acontecendo. Analogamente, o período de novos mapas no Renascimento envolvia não apenas o desenho do mapa propriamente dito, mas, muito frequentemente, também ilustrações, incluindo personificações. A preocupação deste trabalho não é especificamente a geografia, nem especificamente as personificações, mas rastrear o uso da antiga iconografia romana da África na nova era de produção de mapas.

A arte europeia do final do século XVI até, pelo menos, o final do século XVIII usava personificações para retratar conceitos abstratos de todos os tipos. A personificação dos quatro continentes apareceu no mapa-múndi de Petrus Plancius de 1594. O mapa-múndi de Hondius de 1632 inclui personificações dos quatro elementos<sup>44</sup>. O trabalho mais confiável em relação a isso foi *Iconologia* de Ripa. A primeira edição ilustrada foi publicada em 1603 e, através de muitas traduções e edições, foi muito influente em todos os meios da arte europeia. Ripa incluiu os quatro continentes, mostrando a “África” usando um adorno feito de escalpo de elefante como em Roma Antiga<sup>45</sup>.

Os mapas já foram chamados de “enciclopédias populares<sup>46</sup>”. O mapa de Ramusio de 1556 é cheio de pessoas, árvores e animais<sup>47</sup>. Uma explicação moderna é que o camelo mostra o fim da rota do comércio do Saara, que palmeiras denotam o deserto e que outras árvores denotam a floresta, mas a posição desses atributos parece ser arbitrária. A representação dos navios europeus pode ser precisa e mudar de embarcações espanholas para holandesas em vários mapas, mas os elefantes são invariavelmente indianos, não africanos. Até mesmo onde habitantes específicos receberam “nomes”, como “o homem selvagem do Cabo da Boa Esperança” ou aquele de Madagascar no mapa de Hulsius de 1598<sup>48</sup>, o perfil parece ser europeu, talvez holandês – embora as vestes sejam de peles de animais selvagens. Podemos argumentar que as “enciclopédias populares” frequentemente propagavam ideias incorretas sobre a África.

Nos mapas impressos, o cartucho, que servia para gravar o título, a legenda e a dedicatória, era frequentemente ilustrado, novamente, de acordo com a moda contemporânea. Personificações frequentemente apareciam – por

---

<sup>44</sup> Veja W.L. Eisler, *The Furthest Shore. Images of Terra Australis from the Middle Ages to Captain Cook* (Cambridge 1995) pl. 17, and P.J. Radford, *Antique Maps* (Londres 1971) 30.

<sup>45</sup> C. Ripa, *Iconologia* (Roma 1603).

<sup>46</sup> C. Bricker (texto) & R.V. Tooley (seleção de mapas), *A History of Cartography: 2500 Years of Maps and Mapmakers* (Londres 1969) 5.

<sup>47</sup> Tooley (observação 37) pl. XX.

<sup>48</sup> Tooley (observação 37) pl. XVI.

exemplo, nos trabalhos de Allard (1676), Blaue (1690), Schenk (1703), Zurneri (1720). Espaços abertos indesejados, não utilizados nas folhas retangulares, eram preenchidos com cenas locais, figuras, planos urbanos, brasões... dentre outros, Ortelius (1570), Blaue, Speed (1626) e Visscher. Bricker cita uma convenção: “Se você desenhar a sua fera em um Emblema ou coisa semelhante, em algum momento, você irá mostrar uma paisagem do país natural à fera, como para o ... crocodilo uma floresta egípcia ... de palmeiras<sup>49</sup>.” Poderíamos supor que isso melhorou o mapa como uma fonte de conhecimento, mas as criaturas fantásticas consideradas por Heródoto os habitantes da África ainda apareciam também. Tais criaturas legendárias de antigas cosmografias recebiam vida nova nos livros impressos<sup>50</sup>. A flora e fauna não eram desenhadas corretamente ou eram retratadas nos lugares errados como, por exemplo, palmeiras em Koue Bokkeveld<sup>51</sup>. Enquanto o autor do livro de viagens podia ter visitado os lugares que ele descreveu, o artista não tinha. Ele havia apenas lido o texto.

De várias formas, a Europa perpetuou a sua visão machista da África através dos mapas, como ela retratou isso em outras formas de arte como, por exemplo, em Hampton Court, onde a figura da “África” em uma pintura a óleo, feita por Verrio, que está na Sala de Estar da Rainha Anne, tem que se ajoelhar perante a Rainha Anne, como em submissão, como a “África” tinha que se ajoelhar perante Adriano.

Os séculos XVII e, especialmente, o XVIII viram os quatro continentes retratados em muitos meios – pinturas, esculturas, porcelanas, tapeçarias, joias<sup>52</sup>. Os atributos utilizados com a África variavam, mas, frequentemente, incluíam leões e cobras como na arte romana, elefantes (embora indianos e não africanos), avestruz, crocodilo (como os romanos tinham para o Nilo, mas não diferenciado do jacaré e, assim, também usado com a América), e camelos (também usados para a Ásia). Algumas vezes, a África era retratada usando um cocar, um chapéu de sol ou embaixo de um guarda-sol<sup>53</sup>. Entretanto, ela era normalmente representada usando um adorno feito de escalpo de elefante.

---

<sup>49</sup> Bricker (observação 44) 25.

<sup>50</sup> Bricker (observação 44) 101. *The Nuremberg Chronicle (Liber Chronicarum)* publicado por Hartmann Schedel em julho de 1493 continha 1.803 xilogravuras, que incluíam um mapa-múndi de Ptolomeu e imagens de criaturas fantásticas que pensavam existir na África e Ásia, como aquelas mencionadas em Heródoto. Veja Moreland & Bannister (observação\*).

<sup>51</sup> R.V. Tooley, *Collectors' Guide to Maps of Africa* (Londres 1969) pl. 30.

<sup>52</sup> J.A. Maritz, ‘From Pompey to Plymouth: The personification of Africa in the art of Europe’, *Scholia* 11 (2002) 65-79.

<sup>53</sup> Para penas veja Norwich (observação 32) nos. 54, 57, 75; para um guarda-sol veja nos. 57, 61, 72, 75, 83; para um chapéu de sol veja no. 82.

Essas formas de iconografia também aparecem em mapas, especialmente, em mapas do século XVIII. Apesar do novo conhecimento geográfico sendo disseminado, os ilustradores dos mapas, em grande parte, ainda seguiam as convenções romanas da “África”. Entretanto, os acadêmicos do século XX, que descrevem esses mapas, não conhecem a tradição e não reconhecem a iconografia.

Vamos dar uma olhada em alguns exemplos do escalpo de elefante.

- Em 1713, Van den Aar<sup>54</sup> uniu o tema do escalpo de elefante ao tema das penas ao adicionar penas de pavão à parte posterior do escalpo de elefante.
- Em 1749, D’Anville<sup>55</sup> mostrou uma África sentada, com um escorpião, cornucópia, avestruz, leão e camelo; abaixo há um rio-deus (Nilo), crocodilo e pirâmides. A descrição de 1997 diz o seguinte: “O canto superior à direita está ocupado por um grande título com emblemas coroado por uma negra sentada, adornada com uma cabeça de elefante, com um peixe em sua mão direita e uma flor em seu ombro. Do seu lado há um leão, um camelo e um avestruz. O título francês aparece abaixo dela e abaixo do título um rio-deus, um crocodilo e pirâmides ...” Isto não reconhece a personificação e está incorreto. O objeto em seu ombro não é uma flor, mas uma cornucópia (o chifre da fartura), que era usada pelos romanos como um atributo da África. Ela não está segurando um peixe, mas sim um escorpião, que, como o leão e o escalpo de elefante, já era um atributo para a África personificada na época de Adriano. O rio-deus, o crocodilo e as pirâmides se referem ao Egito, como de fato tinha sido em Roma Antiga, por exemplo, o crocodilo usado na moeda de Augusto cunhada em 27 a.C. com a legenda AEGYPTA CAPTA; e o crocodilo e o hipopótamo que aparecem com o *Nilus*, às vezes, também são vistos como uma personificação do Egito, em uma moeda de ouro de Adriano<sup>56</sup>. O Egito era considerado um país diferente, não uma parte da África, pois os antigos geógrafos consideravam o Nilo a linha divisória entre a África e a Ásia. O camelo era usado pelos romanos para significar a Arábia, não a África<sup>57</sup>. Outros

---

<sup>54</sup> Tooley (observação 49) 1.

<sup>55</sup> Norwich (observação 32) mapa 91.

<sup>56</sup> Mattingly, *Coins of the Roman Empire in the British Museum* (Londres 1965) I, nos. 650-655; III, 588; J.P.C. Kent, *Roman Coins* (Londres 1978) no. 124, pl. 35; no. 284, pl. 81.

<sup>57</sup> Um denário de Escauro e Ipseu em 58 a.C. (RRC, no. 422) mostra um camelo com um humano se ajoelhando perante ele, uma referência à rendição do Rei Aretas de Nabateia a Ipseu e um tipo similar do outro lado de um denário de 55 a.C. tem a legenda IVDAEA (RRC 454, no. 432). Mais tarde, um camelo apareceu com a personificação da Arábia (BMC .575).

mapas da África também mostravam um rio-deus (provavelmente o *Nilus*) como um homem idoso com um jarro derramando água ou apenas o jarro<sup>58</sup>.

- Acadêmicos modernos nem sempre sabem a origem romana de muitas convenções artísticas. Até o século XVIII, aparentemente, os artistas não conheciam ou nem sempre seguiam as convenções.

Nas tapeçarias, por exemplo, o design de van Schoor na tapeçaria em Holkham Hall mostra a África segurando um escorpião (ou possivelmente um lagostim), mas, na que está em Groote Schuur, ela está segurando uma tartaruga<sup>59</sup>. Nas porcelanas também, às vezes, o escorpião vira um lagostim ou fica irreconhecível<sup>60</sup>.

O escalpo de elefante não é mencionado no texto. A ilustração na parte superior é a mesma que aquela no mapa 91, apenas diferente abaixo e no formato, por exemplo, as pirâmides foram removidas. Note que a figura é chamada de negra na descrição do mapa 102 (isto é, do sexo feminino), mas “nativa em trajés típicos sentada, ele ...” naquela do mapa 91 (isto é, do sexo masculino). A descrição do mapa 91 fala de um peixe (não de um escorpião), mas ignora o objeto quando descreve o mapa 102. O acadêmico do século XX não sabe que essa figura ainda era basicamente uma personificação romana da África nem reconhece os atributos romanos da *Africa*.

- O mapa de Jeffrey de 1789<sup>61</sup> mostra a costa Ocidental da África e tem uma observação na parte inferior para dizer que ele foi copiado de D’Anville de 1751, mas, desde então, já foi corrigido. Esse mapa tem um cartucho atraente e amplo, no canto superior, mostrando uma negra sentada acariciando um leão reclinado com sua mão esquerda. À sua direita, há um título grande colocado em uma placa de alvenaria e, com sua mão direita, ela segura uma cornucópia. Em um dos lados do título, há um camelo e, do outro, um avestruz, com cobras na parte da frente. Há uma pirâmide na parte de trás. Árvores e folhagens são abundantes acima e à direita da alvenaria. Abaixo do título principal há uma legenda descrevendo o rio e o forte do Senegal. Embora não haja nenhum escorpião no mapa 326, a personificação básica e os atributos são os mesmos, apenas

---

<sup>58</sup> Veja o mapa de Corelli de 1691, em Norwich (observação 32) no. 56.

<sup>59</sup> P. Brooke-Simons (texto) & A. Proust (fotos), *Groote Schuur: Great Granary to Stately Home* (Vlaeberg 1996) 124-126.

<sup>60</sup> Para uma figura com um escorpião veja P. Bradshaw, *Eighteenth Century English Porcelain Figures 1745-1795* (Wappingers Falls, Nova Iorque 1981) 199, pl. 113, colour pl. R; para um lagostim veja D.G. Rice, *Derby Porcelain. The Golden Years 1750-1770* (Newton Abbott 1983) 47, 130 pl. 86.

<sup>61</sup> Norwich (observação 32) mapa 326.

o cartucho e o design são diferentes. O fato de que se trata de um mapa da África Ocidental não altera a imagem. Há até mesmo pirâmides para a África Ocidental. Provavelmente, a “correção” estava relacionada ao novo conhecimento geográfico e não às ilustrações.

- O mapa de De la Rochette<sup>62</sup> foi publicado pela primeira vez em inglês em 1789, mas já havia aparecido em alemão em 1782, e foi reeditado em 1833, 1835, 1838 e 1840. Espera-se que um acadêmico clássico reconheça a moeda usada como ilustração para o mapa como uma de Adriano; de qualquer forma, a legenda menciona isso. No entanto, isso não é reconhecido pelo editor moderno de mapas antigos, que descreve isso da seguinte forma: “O título aparece em um medalhão no alto à direita, que retrata uma figura feminina sentada com um penteado incomum (um pássaro?), segurando um animal marítimo em uma mão e uma cornucópia na outra.” O autor não reconhece a cunhagem romana, nem conhece Ripa, ou reconhece a iconografia de um adorno de escalpo de elefante para África, nem reconhece o escorpião. No entanto, temos aqui, até o século XIX, a personificação romana e uma senhora extremamente caucasiana.
- Outro mapa, de Brunaeus e Blanchard<sup>63</sup>, no canto esquerdo, tem uma série de oito moedas de Adriano, que se referem a partes diferentes da África. O adorno de escalpo de elefante aparece nas moedas da *Africa*, *Restitutor Africae*, *Adventus Africae*, mas não naquelas de Alexandria, Nilus, Aegyptus e *Adventus Augusti Mauretaniae*. Isso nos dá um excelente exemplo de como, depois de muitos séculos de continuada exploração, melhores tecnologias, novos conhecimentos e novas imagens, a iconografia romana pode ainda ser usada para “colocar a África no mapa”. Isso levanta questões sobre até que ponto a visão europeia do continente foram coloridas durante séculos e séculos, não devido a novos conhecimentos dos detalhes da sua geografia que estavam disponíveis, mas pelas ilustrações mais limitadas, formalizadas, decorativas e quase mitológicas da *Africa*.

---

<sup>62</sup> Norwich (observação 32) mapa 136. Esta ilustração é uma cópia de 1835, como podemos ler na moeda.

<sup>63</sup> Mapa emoldurado encontrado na sala de seminários do Departamento de História, Universidade do Zimbábue, mostrando a África bem próxima do Equador e contendo a seguinte inscrição: Viro Amplissimo Plentissimoque IOHANNI BRUNAEIO IC et Illustrum Zelandiae Ordinum Syndico meritissimo NICOLAUS BLANCARDUS eorundem Ordinum Historicus dedicabat L M O (embaixo à esquerda) AFRICA ANTIQUA et quarundem EUROPAE ASIAEQUE ADIACANTIAM REGIONUM acurata delineato ad Historiarum lucem edita NICOLAUS BLANCARDUS BATAVO Leidensi Historiarum et Politices Professore (embaixo à direita).